

Tales Faria

De olho nos ataques bolsonaristas, Gilmar aproxima-se de Fachin

Os ministros Gilmar Mendes e Edson Fachin já não estão mais às turras como logo após o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) iniciar a preparação de um código de ética para a Corte. A recomposição de forças começou no dia 16, quando o decano Gilmar prestou uma homenagem a Fachin pelos seus 11 anos na Casa.

Ele listou processos conduzidos pelo colega e presidente do colegiado ao longo da sua trajetória no Supremo — como a ADPF das Favelas. Disse que os casos revelam um mesmo fio condutor: a “leitura da Constituição como projeto ainda inacabado de inclusão”.

“Concorde-se ou não com cada conclusão, é impossível negar a estatura dos fundamentos e a constância do método” argumentou, sem deixar de admitir divergências entre os dois: “Em muitas questões, apresentamos visões distintas sobre as matérias em julgamento, e assim decerto seguiremos, porque é exatamente disso que se nutre um colegiado saudável.”

O presidente do STF (retribuiu com um elogio a Gilmar dois dias depois, em discurso de homenagem aos 24 anos do decano na Corte. Elogiou a “permanente disposição para o debate das ideias” do magistrado.” Passadas mais de duas décadas, é possível afirmar que sua excelência não apenas se integrou ao Supremo Tribunal Federal. Tornou-se uma de suas referências institucionais mais permanentes e reconhecidas”, disse.

O aceno de Gilmar tem como motivação se dedicar a uma batalha mais urgente e importante para alguns ministros do STF: a ameaça de bolso-

naristas de priorizar impeachments de integrantes da Corte a partir do ano que vem.

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) instruiu seus seguidores a elegerem o máximo de senadores agora em outubro para tentar montar uma maioria na Casa capaz de cassar o mandato de ministros do Supremo. Pela Constituição, o impeachment dos integrantes do STF é decidido pelo Senado.

O centro do alvo dos bolsonaristas são os principais aliados de Gilmar Mendes: os ministros Alexandre de Moraes, Flávio Dino e Dias Toffoli. O ex-presidente acredita que o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Nunes Marques, será uma peça valiosa para seu filho, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), na disputa contra Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pelo Palácio do Planalto.

Gilmar, Alexandre de Moraes, Dino e Toffoli sabem desses planos e, por esse motivo, também trabalham pela recomposição de forças no STF.

Mas os quatro ministros não se mexem apenas nesse campo. Também já começam a se preocupar em formar uma bancada no Senado com o objetivo de os defender dos ataques bolsonaristas.

O exemplo mais explícito dessa disputa silenciosa no Senado é o presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União-AP). Sabedor do interesse de Gilmar & Cia, ele se apresentou como uma força auxiliar do Supremo. Até porque Alcolumbre sabe que também pode precisar dos ministros como blindagem contra investigações em andamento,

Uma dessas investigações, a do Banco Master, caiu no colo de André Mendonça, principal nomeação do bolsonarismo para o STF.

Fernando Molica

O jogo duro de Graciliano Ramos

Terminar de ler “Angústia”, de Graciliano Ramos, no meio da Copa é mais ou menos como autoaplicar-se a rasteira que ele, em 1921, de maneira irônica, sugeriu ser adotada como esporte nacional no lugar do então iniciante futebol — este não passaria de um “entusiasmo de fogo de palha”.

O jogo de Graciliano é pesado, disputado no campo enlameado e esburacado do adversário, e apitado por um juiz que sequer finge ter algum tipo de imparcialidade. Não há otimismo e pachequismo capazes de resistir à narração da tragédia particular de Luís da Silva, personagem-narrador que renova impasses de Paulo Honório, de “S. Bernardo”, e antecipa a opressão que Fabiano, de “Vidas secas”, identificava no soldado amarelo. No limite, incorpora o próprio Graciliano que, em “Memórias do cárcere”, narra o absurdo de sua prisão.

Em “Angústia”, lançado em 1936, quando o autor estava preso, não há espaço aparente para qualquer tipo de esperança fácil, de virada milagrosa de jogo. É como se Luís mirasse aquele que identifica como antagonista — o rico e sedutor Julião Tavares — da mesma forma que integrantes da seleção brasileira olhassem, no intervalo do jogo de 2014 contra a Alemanha, para os adversários que lhes haviam aplicado um humilhante e irrecorrível cinco a zero. Pior, um segundo tempo ainda seria jogado, o que aumentaria ainda mais a dor coletiva.

Mas, como em outros livros do alagoano de Quebrangulo, o que importa é menos a tragédia anunciada do destino e, sim, o processo que leva personagens ensandecidos ao seu encontro. As descrevê-los, Graciliano ressalta seus limites, suas incapacidades. Expõe uma luta que remete ao próprio desafio de so-

breviver em um mundo quase sempre hostil.

Os outros — sempre eles — são mais endinheirados, inteligentes, elegantes, poderosos e fortes, oprimem só pelo fato de existirem. Um domínio que, tão intenso, é capaz de gerar uma forma ainda mais grave de violência, como a de Paulo Honório em relação à mulher, Madalena. Ela seria encarada como ameaça por representar uma alternativa à brutalidade.

Não há espaço para amor e lirismo no mundo delirante de Luís da Silva, que trata de reforçar as dificuldades que a vida lhe impõe, é como se houvesse soldados amarelos por todos os lados: vê-se pressionado por sua casa (“inconveniente, cheia de barulhos, parece mal-assombrada”), pela mulher por quem se apaixona, pelo trabalho, pelos amigos. Ele não tem dinheiro, não tem jeito, não tem paciência; na rua, anda com a cabeça baixa, até para não encarar seus credores. Não suporta nem mesmo o que escreve: “Nunca estudei, sou um ignorante, e julgo que os meus escritos não prestam”.

Ao apontar para derrotas implacáveis que se avizinham, o autor injeta humanidade nos Silva cujas estrelas não brilham, que ouvem que governo é governo, que se veem incapazes de adquirir um enxoval básico para o casamento, que são espancados, que se sentem incapazes de compreender o que não se manifesta pela violência.

Ao descrever a crueza, Graciliano abre um improvável espaço para a esperança, para a educação pela pedra; exalta a flor capaz de furar o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio e o direito de, como a cadela Baleia, sonhar com um céu de preás, gordos e enormes.

EDITORIAL

Sobre o ‘alerta’: poderia ter muito sido pior

O falso alerta da Defesa Civil que alcançou cerca de 30 milhões de pessoas em oito estados provocou susto, confusão e questionamentos sobre a segurança dos sistemas de comunicação de emergência. A princípio, o episódio pode ser encarado apenas como uma falha operacional incômoda. Mas talvez a principal reflexão esteja que poderia ter sido pior.

Vivemos uma era em que a tecnologia permite que informações cheguem instantaneamente a milhões de pessoas. Em situações de risco real, como enchentes, deslizamentos, tempestades ou outros desastres, essa capacidade representa um avanço importante na proteção da população. A rapidez na comunicação pode salvar vidas, evitar tragédias e orientar decisões em momentos críticos.

Por isso mesmo, qualquer falha em sistemas dessa magnitude merece atenção. Não apenas pelos transtornos imediatos causados por uma mensagem indevida, mas porque revela a enorme responsabilidade envolvida na gestão dessas ferramentas. Quando um alerta chega simultaneamente a milhões de celulares, ele carrega consigo uma autoridade institucional que influencia comportamentos, deslocamentos e decisões individuais e coletivas.

O aspecto mais preocupante não é necessariamente o erro ocorrido, mas a constatação do

potencial que esse tipo de sistema possui. Se uma mensagem equivocada já é capaz de gerar insegurança e tumulto, é legítimo imaginar os danos que poderiam ser provocados por uma ação com alguma intenção fraudulenta. Em um cenário de invasão criminosa, uma comunicação falsa poderia estimular evacuações desnecessárias, provocar pânico em áreas urbanas, congestionar serviços públicos ou disseminar informações capazes de comprometer a ordem pública.

O debate, portanto, não deve se limitar à busca por culpados ou à repercussão momentânea do episódio. A questão é a necessidade de investir continuamente em segurança digital, protocolos de autenticação e mecanismos de controle capazes de proteger infraestruturas críticas. Sistemas de alerta em massa são ferramentas importantes demais para ficarem vulneráveis a falhas técnicas ou ataques deliberados.

A sociedade está cada vez mais conectada, e governos dependem cada vez mais da tecnologia para se comunicar com os cidadãos. Essa transformação traz ganhos, mas também amplia a importância da proteção desses ambientes digitais. O mesmo recurso que pode salvar vidas durante uma emergência pode se tornar um instrumento de desinformação caso caia em mãos erradas.

Opinião do leitor

Mudanças climáticas

O fenômeno El Niño é um dos eventos climáticos mais importantes do planeta. Ele altera os padrões de chuva e temperatura em diversas regiões do mundo, incluindo o Brasil. Diante desses desafios, é fundamental investir em planejamento e monitoramento climático para minimizar prejuízos.

Lucas Sá
Paraná-SC

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.